

## Considerações sobre a relação *sujeito-objeto* em Pierre Bourdieu

Maurício Bronzatto

[maub1970@ig.com.br](mailto:maub1970@ig.com.br) - FAC São Roque

Kleber Tuxen Carneiro

[kleber2910@gmail.com](mailto:kleber2910@gmail.com) - Faculdades Network

Eliasaf Rodrigues de Assis

[eliasafassis@hotmail.com](mailto:eliasafassis@hotmail.com) - FAC São Roque

Ricardo Leite Camargo

[ricardocamargo@usp.br](mailto:ricardocamargo@usp.br) - USP

### Resumo

O presente artigo é um ensaio teórico e pretende, a partir do livro *Esboço de autoanálise*, de Pierre Bourdieu, e do estabelecimento de uma interlocução entre essa e três outras produções, duas das quais do mesmo autor (*Introdução a uma sociologia reflexiva* e *Uma ciência que perturba*) sendo a outra de Maria Manuela Alves Garcia (*O campo das produções simbólicas e o campo científico em Bourdieu*), refletir sobre a relação *sujeito-objeto* nos domínios das ciências humanas. Os principais aspectos que ensejaram as reflexões deste artigo foram: o desapontamento e a crítica de Bourdieu ao distanciamento acadêmico, que cria uma clausura filosófica e mantém o mundo social à distância; a influência das origens de Bourdieu em suas descobertas no campo e em sua visão realista e combativa das relações sociais contra a experiência protegida da vida burguesa; a *emoção raciocinada* na produção científica de Bourdieu; a *conversão do olhar*: a mudança do filósofo em etnólogo e sociólogo. Em paralelo e de forma abreviada, serão também apresentadas as noções de *habitus*, *campo* e *poder simbólico*, conceitos-chave na obra bourdieuniana, dos quais lançamos mão para tecer nossas considerações.

**Palavras-chave:** Pierre Bourdieu. Relação sujeito-objeto. Habitus. Campo. Poder simbólico.

### Considerations on the subject-object relationship in Pierre Bourdieu

#### Abstract

This present article is a theoretical essay, and attempts, from the book *Sketch for a self-analysis*, of Pierre Bourdieu, and the establishment of a dialogue between this and three other texts, two of which the same author (*Introduction to a reflexive sociology* and *A science that disturbs*), and another one of Maria Manuela Alves Garcia (*The field of symbolic productions and scientific field in Bourdieu*), to reflect on the subject-object relationship in the scopes of the human sciences. The main aspects that gave rise to the reflections of this article were: the disappointment and the criticism of Bourdieu to the academic distancing, which creates a philosophical closure and maintains the social world distance; the influence of Bourdieu's origins on his findings in the field and in his realistic and combative vision of social relations protected against the experience of bourgeois life; the “reasoned emotion” in the Bourdieu’s scientific contribution; the “conversion of the gaze”: the philosopher becomes an ethnologist and sociologist. In parallel and in short, will also present the notions of *habitus*, *field* and *symbolic power*, key concepts in work of Bourdieu.

**Key words:** Pierre Bourdieu. Subject-object relationship. Habitus. Field. Symbolic power.

“Vocês compreenderão, sem dúvida, que quando se está convencido, como eu, de que a primeira tarefa da ciência social – portanto, do ensino da pesquisa em ciência social – é a de instaurar em norma fundamental da prática científica a conversão do pensamento, a revolução do olhar, a ruptura com o pré-construído e com tudo o que, na ordem social – e no universo douto – o sustenta, se seja condenado a ser-se constantemente suspeito de exercer um magistério profético e de pedir uma conversão pessoal.”

Pierre Bourdieu

## Introdução

O presente artigo constitui-se em um ensaio teórico que pretende, a partir do livro *Esboço de autoanálise*, de Pierre Bourdieu, e do estabelecimento de uma interlocução entre esse e três outros textos, dois dos quais do mesmo autor (*Introdução a uma sociologia reflexiva* e *Uma ciência que perturba*), sendo o outro de Maria Manuela Alves Garcia (*O campo das produções simbólicas e o campo científico em Bourdieu*), refletir sobre a relação *sujeito-objeto*. A nosso ver, aspecto fundamental da produção científica, e, em paralelo e de forma abreviada, apresentar as noções de *habitus*, *campo* e *poder simbólico*, conceitos-chave na obra bourdieuniana.

A escolha por ancorar as reflexões tendo como ponto de partida a obra *Esboço de autoanálise* deveu-se ao fato de este livro, inspirado num curso ministrado por Bourdieu no Collège de France, ter sido escrito poucos meses antes de sua morte, ocorrida em janeiro de 2002, e, portanto, possivelmente, conter a forma mais acabada do pensamento deste sociólogo ou, de outro modo, a edição mais atualizada de sua concepção do campo intelectual, em que se delineia, de forma contundente e pessoal, seu jeito provocativo de apreender o mundo social. Como apontou Sérgio Miceli, responsável pela tradução, introdução e notas para a edição brasileira, neste balanço, “Bourdieu intentou a façanha de refletir sobre o passado por meio do inquerito que ele mesmo fora refinando como método de trabalho” (MICELI, 2005, p. 8)<sup>1</sup>. Segundo Miceli, é a *emoção racionada* que guia o testemunho deste intelectual destoante que encontra no vivido “o lastro incontornável dos achados felizes da argumentação

---

<sup>1</sup> Em *Nota para a edição francesa*, encontramos que *Esboço de autoanálise* é um projeto “de adequação final do pesquisador à sua concepção da verdade científica, da vontade de conferir uma espécie de garantia derradeira do caráter científico das proposições enunciadas na obra por inteiro, num retorno a si bastante controlado” (BOURDIEU, 2005, p. 22).

intelectual” (MICELI, 2005, p. 9). O oxigênio entre o vivido e o raciocinado marca presença constante na obra de Bourdieu.

Nosso diálogo com os textos mencionados apresenta cinco ênfases ou aspectos, que integramos em cinco seções. Na primeira, “A conversão do olhar: uma ruptura a partir do campo”, explicitamos o desencantamento acadêmico de Bourdieu a partir do contato com o campo argelino, por ocasião de seu serviço militar. Paris gerou o filósofo, mas não sepultou o sociólogo que já havia em potencial desde os dias remotos de sua infância, desabrochando-o quando em contato com um sem-número de desfavorecidos com quem se relacionou. Como são incontornáveis na obra deste autor, trouxemos de forma breve os conceitos de *habitus*, *habitus científico*, *campo* (este espaço social de dominação e de conflitos), as correlações (ou homologias) entre os campos sociais e políticos e os da produção cultural e simbólica, as formas dominantes de capital de cada campo em específico (o poder simbólico) e as noções de campo científico.

Na segunda seção: “A recusa em fazer ciências sociais à distância”, abordamos a crítica de Bourdieu ao distanciamento acadêmico, que cria uma clausura filosófica e mantém o mundo social à distância. Procuramos traçar, em linhas gerais, como este autor, migrando das grandezas enganosas da filosofia ao verdadeiro fazer científico, perseguia um novo modo de viver a vida intelectual e se lançava diligente na constituição dos seus objetos.

A terceira seção: “O vivido como lastro da produção intelectual”, foi dedicada à reflexão sobre as influências da figura paterna em seus achados no campo. O engajamento de Bourdieu, sua visão realista e combativa das relações sociais contra a experiência protegida da vida burguesa, aprendida no internato, deveu muito às suas origens. Esta mesma seção reúne algumas considerações sobre *violência simbólica*, outro conceito caro para o sociólogo francês.

A quarta seção: “Paixão investigativa e sociologização da vida”, trata especificamente da *emoção raciocinada*, de como obra e vida se fundem e se confundem. Eis o equilíbrio de Bourdieu: ao lado de uma racionalização bem urdida, às vezes cáustica, coexistem as *intermitências dos afetos*. Discuti, também, o quanto a visão do objeto depende da posição ocupada pelo pesquisador no espaço social e no campo científico, bem como a inexistência de *imaculada concepção* em ciências: a produção de alguma verdade se dá em virtude de algum ou alguns interesses.

Por último, na quinta seção, denominada: “O mergulho no social para o exorcismo dos irrealismos filosóficos da adolescência”, acompanhamos a redenção do

pesquisador através de uma espécie de *expição sacrificial*. É o acerto de contas com um passado mal resolvido. Bourdieu resgata, no campo, a cena familiar que o internamento escolástico eclipsara. Dá-se a conversão do olhar. Muda-se o filósofo em etnólogo e sociólogo.

Esperamos, assim, percorrendo o caminho acima delineado e refletindo sobre a relação *sujeito-objeto*, bem como sobre os conceitos nucleares da obra de Bourdieu, oferecer alguma contribuição para o desenvolvimento da produção da pesquisa científica no âmbito das ciências humanas.

### **A conversão do olhar: uma ruptura a partir do campo**

Bourdieu sempre esteve convicto de que o discernimento que trazia do campo sociológico pagava um considerável tributo às suas origens. A maneira como sua infância constituiu-se, o legado dos pais, a iniciação escolar que se recusava ambientar-se aos protocolos burgueses dos liceus de sua instrução inicial, resultaram no fator decisivo para tomada de posições diferenciadas das que vinham até então sendo praticadas no campo de pesquisa. Essa trajetória, somada às experiências argelinas, singularizou-o fortemente, como podemos notar nas palavras do próprio autor:

[...] retornando da Argélia com uma experiência de etnólogo que, vivida nas difíceis condições de uma guerra de liberação, tinha marcado para mim uma ruptura decisiva com a experiência escolar, fora levado a uma visão bastante crítica da sociologia e dos sociólogos, como se a visão do filósofo se visse reforçada pela visão do etnólogo, e ainda mais, talvez, a uma representação bastante desencantada, ou realista, das tomadas de posição individuais ou coletivas dos intelectuais, para quem a questão argelina havia constituído, a meu ver, uma excepcional pedra de toque (BOURDIEU, 2005, p. 68).

A sociedade parisiense fez o filósofo; no entanto, as condições com que se deparou na Argélia, durante o serviço militar, fizeram o etnólogo<sup>2</sup>, o sociólogo. A experiência escolar anterior recebe, na Argélia, o golpe definitivo, que a fará sempre preterida nas inclinações do sociólogo emergente. Junto com o desencantamento que a distância entre a visão acadêmica e o campo produziu em Bourdieu, observaremos, doravante, uma mudança significativa nas tomadas de posição do pesquisador. Sua concepção realista deveu-se muito às experiências que foram se acumulando em sua tórrida passagem pela colônia francesa, que repercutiu profundamente em sua maneira de enxergar o mundo social, a tal ponto que, ao longo de sua carreira, podem-se

---

<sup>2</sup> Em *Uma ciência que perturba*, Bourdieu (1983) afirma que a primeira virtude profissional de um etnólogo é a sua capacidade de estabelecer uma relação real com os entrevistados. Para ele, a distância que o questionário e o entrevistador interposto produzem é desumana.

reconhecer as marcas dessa aprendizagem em inúmeras de suas melhores sacadas, como bem notou Miceli: “Ele lidava com esse período probatório como um viveiro estuante de evidências e provas de que se socorria a todo momento”(MICELI, 2005, p.13).

Era da vida e não da academia que Bourdieu retirava as motivações para as suas pesquisas. As preocupações que o direcionavam aos objetos não obedeciam à lógica dos cânones que a filosofia preconizava. Sua vida está inextricavelmente ligada ao campo social, mistura-se a ele, dele recebe estímulos. É a empatia flagrante pelos nativos, por sua língua e cultura, pela maneira como se comportava sua sociabilidade que vai erigir o cientista social.

A transformação de minha visão do mundo correlata à minha passagem da filosofia para a sociologia, e da qual minha experiência argelina representa justo o momento crítico, não é nada fácil de descrever [...] na certa porque se fez pela acumulação insensível de mudanças que me foram sendo impostas, pouco a pouco, pelas experiências da vida, ou então, que eu próprio fui operando ao preço de um trabalho exigente comigo mesmo, inseparável do trabalho que empreendia sobre o mundo social (BOURDIEU, 2005, p. 86-87).

Uma questão central para Bourdieu encontra-se na análise de como os agentes<sup>3</sup> incorporam a estrutura social, ao mesmo tempo em que a produzem, legitimam e reproduzem. Embora dialogando com o estruturalismo, não deixa de interrogar que espécie de autonomia possuem tais agentes. É desse momento que o contato com o *objeto* também oferece para Bourdieu o conceito de *habitus*, uma espécie de matriz determinante da condição social do indivíduo, por meio da qual direcionará sua maneira de ler, enxergar e agir no mundo<sup>4</sup>. Tal conceito pode, ainda, ser caracterizado como “um sistema de disposições duráveis e socialmente constituídas que, incorporadas por um agente ou um conjunto de agentes, orientam e dão significado às suas ações e representações” (GARCIA, 1996, p. 65). O *habitus* faz a mediação entre as estruturas sociais, de um lado, e as práticas individuais, de outro. Como se constitui ao longo da vida, é uma estrutura sempre atualizada perante as novas situações e as ações práticas dos indivíduos adaptados a um determinado campo ou situação. Sobre o *habitus* científico, Bourdieu afirma ser “[...] uma regra feita homem ou, melhor, um *modus operandi* científico que funciona em estado prático segundo as normas da ciência sem ter estas normas na sua origem [...]” (BOURDIEU, 2011, p. 23).

---

<sup>3</sup> Os indivíduos que integram um *campo* específico, noção de que a seguir trataremos.

<sup>4</sup> Bourdieu (1983) lembra que o coletivo está dentro de cada indivíduo sob a forma de disposições duráveis, como as estruturas mentais.

É também do contato com o objeto de estudo argelino que Bourdieu depreenderá a noção de *campo*<sup>5</sup>, um espaço social de dominação e de conflitos. Como num jogo de xadrez, o indivíduo age ou joga segundo sua posição social neste espaço delimitado. Como destacou Garcia:

As denominações campos da produção de bens simbólicos ou campo da produção cultural e, ainda, campo intelectual são utilizadas pelo autor quando se refere aos diferentes campos da produção de bens culturais e simbólicos: o campo científico, o campo universitário, o literário, o artístico e assim por diante (GARCIA, 1996, p. 65).

Alguns dos quais tomados como objeto de estudo empírico por Bourdieu ao longo de sua atividade de sociólogo. Objetos tão diversos como a escola, a literatura, a moda, os esportes permitiram ao pesquisador desenvolver uma *teoria geral dos campos* e observar que existem homologias estruturais e funcionais entre os campos sociais e políticos e os campos da produção cultural e simbólica. Bourdieu definirá o conceito de *campo* lembrando que os agentes que o constituem são portadores de um determinado *habitus* adaptado às exigências e necessidades do campo em questão: “Um campo, e também o campo científico, se define entre outras coisas através da definição dos objetos de disputas e dos interesses específicos que são irredutíveis aos objetos de disputas e aos interesses próprios de outros campos” (BOURDIEU *apud* GARCIA, 1996, p. 65).

Dessa forma, na noção de *campo*, vemos os diferentes espaços da vida ou da prática social com estrutura própria e relativamente autônoma em relação a outros espaços ou campos sociais, cada qual organizado em torno de objetivos e práticas específicas, não obstante as homologias que os unem. Há, portanto, uma lógica de funcionamento que estrutura as relações entre os agentes no interior de cada campo. Além disso, cada campo apresenta uma forma dominante de capital, seja este econômico, cultural, científico ou de outra espécie qualquer. No interior dos campos, estão presentes relações de aliança e/ou conflito entre os seus diferentes agentes, que

---

<sup>5</sup> Inversamente, mais tarde, Bourdieu compreenderá que a noção de campo funciona como um sinal para “verificar que o objeto em questão não está isolado de um conjunto de relações de que retira o essencial das suas propriedades” (BOURDIEU, 2001, p. 27); ou seja, o mundo social deve ser pensado relacionalmente. Como diria o próprio Bourdieu “o real é relacional” (BOURDIEU, 2001, p. 27). Assim, pode acontecer de nada sabermos de uma instituição acerca da qual julgávamos tudo saber, porque ela nada é fora das suas relações com o todo. Conhecer o espaço em cujo interior se isolou o objeto estudado (ainda que fragmentário) tem o benefício de se desenhar as grandes linhas de força do espaço cuja pressão se exerce sobre o ponto considerado. Isso evita que encontremos no fragmento estudado mecanismos ou princípios que são exteriores às suas relações com outros objetos.

desenvolvem estratégias de conservação, exclusão ou subversão, de acordo com suas posições relativas no interior deles alcançadas (se de dominantes, se de dominados).

A posição de um agente em um ou outro polo da relação dominantes–dominados está diretamente relacionada com a posse de um determinado capital específico ou com a posição conquistada por lutas dentro do campo, mas, também, com a posição do campo diante dos outros campos de bens culturais e simbólicos e, ainda, em relação à posição do campo em relação ao campo de poder (social, político e econômico). Garcia não nos deixa esquecer que os produtores de bens culturais e simbólicos, de maneira geral, encontram-se numa posição de classes contraditórias, daí suas frequentes ambiguidades nas tomadas de posição em relação ao campo de poder.

[...] Bourdieu alerta para o fato de que, dominados entre os dominantes, os intelectuais, em determinadas circunstâncias, são levados a assumir posições mais à esquerda estabelecendo alianças com os setores dominados no campo político e econômico; alianças essas que são, segundo a sua própria expressão, um “apoio em falso” porque, em períodos de crise, quando veem ameaçados o seu capital específico e os seus privilégios, esses mesmos produtores muitas vezes abandonam as suas posições progressistas (GARCIA, 1996, p. 67).

Bourdieu não teria dado a contribuição que deu para o mundo científico ou, dito de outra maneira, essa contribuição não teria provocado o incômodo que efetivamente provocou, se o então ainda jovem pesquisador não tivesse se deparado com um objeto de estudo que lhe oportunizou organizar um latente inconformismo com o *modus operandi* acadêmico que, desde longa data, borbulhava dentro dele. Os anos passados na Argélia foram anos dedicados ao campo. Tempo de realizar observações sistemáticas, tirar fotografias, gravar conversas em lugares públicos, entrevistar informantes, fazer sondagens por questionários, consultar arquivos, administrar testes nas escolas, animar discussões nos centros sociais, entre outras práticas que, certamente, por suas próprias palavras, marcaram indelevelmente o pesquisador:

*A libido sciendi* um pouco exaltada que me entusiasmava e se enraizava numa espécie de paixão por tudo o que dizia respeito a esse país, sua gente, suas paisagens, bem como na entalada e constante sensação de culpabilidade e de revolta diante de tanto sofrimento e injustiça, não dava sossego nem tinha limite (BOURDIEU, 2005, p. 76).

Bourdieu não consegue apenas ficar na espreita e não se envolver com o objeto de pesquisa. Ele é um militante engajado, sanguíneo, incapaz de não misturar aos apontamentos que realiza uma incontida revolta, responsável por fazê-lo até mesmo sonhar com seu objeto. Ouçamos o seu próprio testemunho:

Engajamento total e esquecimento do perigo não tinham nada a ver com alguma forma de heroísmo e se enraizavam, acredito, na tristeza e ansiedade extremas em meio às quais eu vivia e, com vontade de decifrar um enigma do ritual, de observar um jogo, de ver este ou aquele objeto [...] levaram-me a lançar-me de corpo e alma no trabalho puxado que me permitiria estar à altura das experiências de que eu era a testemunha indigna e desarmada e das quais queria dar conta a qualquer preço. Não é fácil relatar sem mais, como os vivenciei, situações e acontecimentos – quiçá, aventuras – que mexeram comigo tão profundamente, a ponto de voltarem em sonhos... (BOURDIEU, 2005, p. 77-78).

É o incômodo e a terminante recusa do sociólogo (que se está construindo no campo) de apenas categorizar o que lhe passa bem diante dos olhos. Aliás, Bourdieu se recusará a simplesmente investigar as realidades que se tornam notadas ou tomar como objeto problemas relativos a populações mais ou menos arbitrariamente delimitadas; fato este facilmente percebível quando nos diz:

A Sociologia talvez não merecesse uma hora de esforço se ela tivesse por fim apenas descobrir os cordões que movem os indivíduos que ela observa, se esquecesse que lida com homens e mulheres mesmo quando aqueles homens e mulheres, à maneira de marionetes, jogam um jogo cujas regras ignoram, em suma, se ela não tiver como tarefa restituir a esses homens e mulheres o sentido de suas ações (BOURDIEU, 2006, p. 92).

A primeira urgência, “seria tomar para objeto o trabalho social de construção do objeto pré-construído: é aí que está o verdadeiro ponto de ruptura”(BOURDIEU, 2001, p. 28). Nosso autor chama a atenção para o perigo de cairmos na armadilha do objeto pré-construído<sup>6</sup>, na medida em que há um interesse do pesquisador por tal objeto e, ao mesmo tempo, um desconhecimento do princípio que governa esse interesse, por isso alerta:

A força do pré-construído está em que, achando-se inscrito ao mesmo tempo nas coisas e nos cérebros, ele se apresenta com as aparências da evidência, que passa despercebida porque é perfeitamente natural. A ruptura é, com efeito, uma *conversão do olhar* e pode-se dizer do ensino da pesquisa em sociologia que ele deve em primeiro lugar “dar novos olhos” como dizem por vezes os filósofos iniciáticos. Trata-se de produzir, senão “um homem novo”, pelo menos, “um novo olhar”, *um olhar sociológico*. E isso não é possível sem uma verdadeira conversão, uma *metanoia*, uma revolução mental, uma mudança de toda a visão do mundo social (BOURDIEU, 2001, p. 49).

---

<sup>6</sup> Bourdieu afirma que construir um objeto científico é, antes de tudo, romper com o senso comum. “O pré-construído encontra-se em toda parte. O sociólogo está literalmente cercado por ele, como o está qualquer pessoa”(BOURDIEU, 2001, p. 34).

Devemos também considerar a singularidade do momento histórico em que acontece a pesquisa de Bourdieu relatada em seu *Esboço de autoanálise*: numa situação de guerra, que “obriga a pensar em tudo, a controlar tudo, em particular o que parece natural na relação ordinária entre o pesquisador e o pesquisado” (BOURDIEU, 2005, p. 79). Diante disso, Bourdieu afirma que só se consegue sobreviver em tal situação lançando mão de uma reflexividade permanente e prática. O criticismo de suas pesquisas posteriores tem como embrião as experiências que o contato nada convencional, como já o dissemos anteriormente, com os objetos de estudo na Argélia lhe proporcionaram. Como ele mesmo diz:

É daí que provém a irritação que não consigo deixar de sentir quando os especialistas em sondagens, isto é, em pesquisa a distância e por procuração, incomodados com minhas objeções (puramente científicas) às suas práticas, contrapõem críticas arrogantes e pueris a pesquisas que, a exemplo daquelas presentes em *La misère du monde*, mobilizam toda a experiência adquirida (BOURDIEU, 2005, p. 80).

No entanto, mesmo a proximidade e o envolvimento emocionado (embora nunca não menos raciocinado) não conferem jamais um tom menor àquilo que veio à luz a partir dessas experiências de Bourdieu. O acerto de um procedimento até certo ponto insólito pode ser observado nas próprias palavras do sociólogo:

Devo declarar aqui o imenso apoio que minhas antevisões realistas, e por vezes bastante desencantadas, e por isso mesmo um pouco escandalosas naqueles tempos de embalo coletivo, encontraram junto a amizades argelinas que, nascidas sem dúvida da afinidade dos habitus [...], ajudaram-me a conceber uma representação que fosse, a um só tempo, íntima e distante, empenhada e, se me permitirem, afetuosa, calorosa, sem ser ingênua ou xucra (BOURDIEU, 2005, p. 86).

Antes de passarmos ao item seguinte, precisamos tecer algumas considerações sobre o campo científico, este universo de formas e produções simbólicas submetido às mesmas leis gerais da *teoria dos campos* e assumindo formas específicas no interior deste campo. Trata-se, portanto, de um campo social com relações de força e monopólio, lutas e estratégias, interesses e lucros, como em qualquer outro campo. O capital em disputa é o da legitimidade científica ou autoridade científica. Em outras palavras, trata-se dos critérios que definem *o que é* e *o que não é* científico. De acordo com Bourdieu, este capital pode ser entendido como “a capacidade técnica e o poder social de agir e falar legitimamente em nome da ciência. Legitimidade essa socialmente outorgada, geralmente, pelos pares concorrentes, a um agente ou grupo de agentes no interior do próprio campo” (BOURDIEU *apud* GARCIA, 1996, p. 68). Vale destacar

que nesta autoridade há uma dupla natureza: estão implicados a capacidade técnica e o poder simbólico. Não se pode compreender a estrutura e o funcionamento do campo científico sem que se considere tanto a posição de cada disciplina na hierarquia das disciplinas científicas, que constituem o campo científico, quanto a posição dos diferentes produtores e agentes na hierarquia própria de cada uma das disciplinas. Isso faz, segundo Bourdieu, com que a comunidade científica não seja um todo indiferenciado e homogêneo. Há determinados domínios, objetos, métodos e teorias tratados como *dignos* ou *indignos* de receber o interesse e os investimentos dos agentes do campo. “E os pesquisadores participam sempre da importância e do valor simbólico que a representação dominante atribui aos seus objetos de trabalho e de pesquisa, aos seus problemas e métodos de investigação” (GARCIA, 1996, p. 68).

É por isso que, segundo Bourdieu, há em torno de determinados problemas de pesquisas mais prestigiosos uma concentração maior de pesquisadores, já que tais problemas são capazes de atribuir maior visibilidade e autoridade científica aos que a eles se dedicam. O mesmo se dá, por exemplo, nas investigações de cunho teórico, proposições capazes de conferir maior lucro simbólico do que aquelas de caráter empírico. E quanto à distribuição dos agentes pelas diferentes hierarquias do campo científico, suas aspirações serão proporcionais ao capital de reconhecimento que cada um já angariou ao longo de sua trajetória, ou seja:

[...] aqueles professores e pesquisadores mais bem situados no interior do campo científico tendem a desenvolver uma produção intelectual mais abundante e “ambiciosa” quanto mais elevada for a sua posição nos degraus da “hierarquia de legitimidade” do campo (BOURDIEU apud GARCIA, 1996, p. 69).

O acúmulo de capital científico, portanto, é o fator que determina as posições dominantes dentro do campo científico. Assim se constituem as hierarquias, não sem a legitimidade dos próprios pares concorrentes dentro do campo. Da mesma forma que em outros campos, no interior da comunidade científica, podem ser encontradas as estratégias de *conservação* e *subversão*. Essas lutas também explicam as transformações que acontecem nas teorias, objetos de estudo e métodos de pesquisa.

Para Bourdieu, fins particulares de reconhecimento e legitimidade dos produtores individuais, que trabalham para se distinguir dos produtores que os precederam, acabam se transformando em algo proveitoso para o progresso da ciência. Eis a lógica própria do funcionamento do campo, o que nos leva a concluir com este autor que as produções no campo científico, mesmo as que trazem progressos à ciência,

são, antes de tudo, posições políticas e interesses em luta no interior do campo. Neste sentido Garcia esclarece-nos ainda mais:

Desvanece-se, assim, aos nossos olhos o mundo puro da ciência e a infalibilidade dos seus produtos, para ressurgir uma esfera da prática social atravessada por interesses nem sempre explícitos, por posições em luta que, em última análise, vão dando os contornos e os limites do universo científico (GARCIA, 1996, p. 72).

### **A recusa em fazer ciências sociais à distância**

O internamento escolástico, a clausura filosófica, o mundo hermético da intelectualidade, a segregação e o disfarçado desarraigamento das vicissitudes do mundo real sempre produziram uma firme repulsa em Bourdieu. Desde cedo, ele reagirá contra a imagem do intelectual total, tão presente e arquitetada em todas as formas de pensamento, sendo Sartre, para ele, o grande representante de tal modelo filosófico; aquele que apelida toda inclinação social da ciência de plebeia, pois havia no ar uma ameaça contra a hegemonia da filosofia, mesmo pelos novos intelectuais que emergiram dos conflitos de maio de 68 dispostos a virar a mesa.

Não escapou a Bourdieu a percepção da força que emana de uma convivência prolongada em meio a um grupo capaz de homogeneizar - porque o *habitus* cumpre o seu papel - o pensamento. Nem mesmo uma tentativa de interferir na realidade faz o academicismo, que tanto Bourdieu criticou, mais próximo dela. Na verdade, o distanciamento se consuma por uma inação completa ou por um engajamento inócuo ou totalmente desvinculado de um diagnóstico social adequado que fosse capaz de levar à ação. Pois, como diz Bourdieu:

Os efeitos do internamento, redobrados pelos da eleição escolar e da coabitação prolongada no interior de um grupo socialmente muito homogêneo, tendem de fato a favorecer uma distância social e mental com relação ao mundo, a qual se percebe com maior nitidez, paradoxalmente, nas tentativas, por vezes patéticas, de aceder ao mundo real, em especial mediante engajamentos políticos (stalinismo, maoísmo, etc.), cujo utopismo irresponsável e cujo radicalismo irrealista comprovam o quanto ainda são uma maneira paradoxal de denegar as realidades do mundo social (BOURDIEU, 2005, p. 44).

As noções de distanciamento e proximidade parecem ocupar o pensamento de Bourdieu sob muitos aspectos. Até mesmo quando menciona a ação de compartilhamento de uma pesquisa, fala disso como de um discurso em que “a gente se expõe” (BOURDIEU, 2001, p.18), momento em que se correm riscos e os sistemas de defesa devem ser afrouxados para o bem da discussão.

Bourdieu acusa a alienação da *filosofia universitária da filosofia* de um irrealismo pedante e anacrônico. É justamente contra tal filosofia que sua formação é construída a partir da sua saída do universo escolar. Em suas próprias palavras, lutando “contra tudo aquilo que para mim representava o empreendimento sartriano” (BOURDIEU, 2005, p. 56).

Bourdieu reuniu coragem para interrogar não somente o mundo, mas o mundo intelectual, e o fez com o seu jeito todo peculiar de fazer ciência, unindo à reflexividade uma prática constante, num processo de retroalimentação. Uma marca distintiva em Bourdieu é a sua diligência na constituição de seus objetos. Em outras palavras, sua “capacidade de constituir objetos socialmente insignificantes em objetos científicos ou, o que é o mesmo, na sua capacidade de reconstruir cientificamente os grandes objetos socialmente importantes, apreendendo-os de um ângulo imprevisto” (BOURDIEU, 2001, p. 20). Isso é o mesmo para o sociólogo, tornando sua a fórmula de Flaubert: “pintar bem o medíocre” (BOURDIEU, 2001, p. 20). Aliás, em pesquisa, Bourdieu nunca abriu mão do rigor, embora criticasse rigorosamente a rigidez, segundo ele, o contrário da inteligência e da invenção<sup>7</sup>. De acordo com o seu pensamento, não podemos prescindir dos vários recursos metodológicos que nos são oferecidos pelo conjunto das tradições intelectuais da disciplina e das disciplinas vizinhas. Embora não raro apregoasse: “livrai-vos dos cães de guarda metodológicos” (BOURDIEU, 2001, p. 26), equilibrava a liberdade extrema que ensinava com um zelo na utilização das técnicas e na sua adequação ao problema posto.

Numa entrevista a Pierre Thuillier (BOURDIEU, 1983, p. 16), menciona como a sociologia saiu da pré-história, querendo significar com isso o seu desligamento das grandes teorias da filosofia social. Apesar de concordar que esta disciplina pode apresentar, no emprego de sua metodologia, muita dispersão, não deixa de apontar como ela perturba, o que se faz notar por um determinado padrão de cientificidade que dela se exige. No entanto, questionadas, as ciências sociais acabam direcionando tais questões às outras ciências, daí a pecha de se afigurar como uma ciência crítica. Para Bourdieu, além de denunciar o mundo científico como palco de uma concorrência

---

<sup>7</sup> Bourdieu falará em *objetivação participante*, para ele o cume da arte sociológica: “É preciso, de certo modo, ter-se renunciado à tentação de se servir da ciência para intervir no objeto, para se estar em estado de operar uma objetivação que não seja a simples visão redutora e parcial que se pode ter, no interior do jogo, de outro jogador, mas sim a visão global que se tem de um jogo passível de ser apreendido como tal porque se saiu dele” (BOURDIEU, 2001, p.58).

orientada para lucros e interesses específicos, a sociologia, desligada das grandes teorias da filosofia social, também incomoda quando:

[...] revela coisas ocultas e às vezes reprimidas, como a correlação entre o sucesso escolar, que se costuma identificar com a “inteligência”, e a origem social, ou melhor, o capital cultural herdado da família. São verdades que os tecnocratas, os epistemocratas, isto é, uma boa parte dos que leem sociologia e dos que a financiam não gostam de ouvir (BOURDIEU, 1983, p.17).

Ao unir-se a Georges Canguilhem<sup>8</sup>, que o ajudou muito a conceber a possibilidade realista de viver a vida intelectual de outro jeito, percebe neste uma preocupação com as patologias da ciência, com as falsas ciências e com os usos políticos da ciência. E mais: consegue perceber neste mentor uma vinculação com a vida, uma recusa em se alienar dela, uma insistência em integralizar obra e vida, o que muito o influenciou:

Ficava impressionado de ver que seu pensamento e sua palavra não conheciam as caídas de tensão – tão decepcionantes aos meus olhos – que detectava em tantos outros filósofos de meu conhecimento (alguns bastantes envolventes e profundos quando falavam de Kant ou de Malebranche), quando se passava dos assuntos técnicos da filosofia ou da ciência às questões mais triviais da vida (BOURDIEU, 2005, p. 60).

Bourdieu nunca pôde sentir-se à vontade sem repudiar as *grandezas enganosas da filosofia*, o que fazia engajando-se, de corpo inteiro, num empreendimento cujo móvel não era apenas intelectual.

O pedantismo que superabundava no mundo acadêmico, distanciando-o completamente do mundo efetivo, conferia um caráter de irrealidade à ciência. Para Bourdieu, a vida científica estava em outro lugar. “Ao ser ignorado e recalçado, o mundo social está ausente de um mundo intelectual que pode parecer obcecado pela política e pelas realidades sociais” (BOURDIEU, 2005, p. 67). Mas Bourdieu sabia, contudo, contra ele mesmo, que a busca pelo conhecimento das realidades sociais o faria desprezado e o colocaria constantemente sob suspeição. Nem por isso Bourdieu aceita fazer ciências sociais à distância e produzir um conhecimento que não vá além da estetização, ainda que isso pudesse lhe render um miasma acadêmico:

Compreendi assim, retrospectivamente, que tinha ingressado em sociologia e em etnologia, de um lado, por conta de uma recusa profunda do ponto de vista escolástico, princípio de uma altivez, de uma distância social, na qual nunca pude me sentir à vontade e para a qual decerto predispo a relação com o mundo associada a certas origens sociais. Essa postura me

---

<sup>8</sup> Intelectual francês (professor de filosofia), Canguilhem (1904-1995) se tornou referência para Bourdieu (um “farol”, segundo suas palavras) dada a sua dissonância dentro do sistema universitário convencional dos anos 1950.

desagradava havia muito tempo. E a recusa da visão do mundo associada à filosofia universitária da filosofia contribuirá muitíssimo para levar-me às ciências sociais e, em especial, a um certo modo de praticá-las. Mas eu logo iria descobrir que a etnologia, ou ao menos a maneira particular de concebê-la encarnada por Lévi-Strauss, tão bem condensada na metáfora do “olhar distanciado”, também permite, de modo bastante paradoxal, manter o mundo social a distância, até o “denegar”, no sentido de Freud, e, por aí, submetê-lo à estetização (BOURDIEU, 2005, p. 72).

Bourdieu defendia-se das críticas que ousavam insinuar não haver considerável distinção entre sociologia e um mero jornalismo panfletário demonstrando a diferença objetiva entre os sistemas coerentes de hipóteses, conceitos, métodos de verificação das ciências sociais<sup>9</sup> e afirmando que uma das formas de se livrar de verdades perturbadoras é dizer que elas não são científicas. O problema está no fato das proposições da sociologia confrontarem ideias há muito estabelecidas, ferindo interesses sociais. A reação é pedir um sem-número de provas (e isso, de acordo com Bourdieu, é muito bom), o que não se dá quando a proposição parte dos porta-vozes do *bom-senso*.

Nosso autor, mesmo, abdica de lançar mão quase que totalmente dos autores que representam a constelação do pensamento intelectual vigente à sua época. Sua pesquisa pôde prescindir de nomes como Habermas, Foucault ou Derrida, à medida que tais teóricos não poderiam dar conta de explicar os fenômenos sociais, ao menos em relação às práticas de Bourdieu.

O sociólogo em estudo ousou não estar à vontade com os cânones do molde burguês, sustentados por uma segurança e um conforto inerentes às prerrogativas de classe. Como fazer sociologia a serviço de uma racionalização da dominação a fim de que esta seja assegurada e legitimada? Como o próprio Bourdieu exemplifica, a ciência de um diretor presidente de uma companhia bancária acaba guiada pelos limites dos objetivos em prol da maximização dos lucros de sua instituição.

Para Bourdieu, a dificuldade em fazer sociologia se deve ao fato de que as pessoas têm medo do que vão encontrar. Tal ciência desencanta, segundo Bourdieu. E mais: não costuma oferecer nenhuma das satisfações que os adolescentes procuram no engajamento político. Praticá-la significa abdicar da possibilidade do refúgio para onde

---

<sup>9</sup> Para Bourdieu, o sociólogo está tão melhor armado para descobrir o escondido (uma vez que, segundo Bachelard (apud Bourdieu e Wacquant, 1992, p. 194) “só existe a ciência do escondido”) quanto melhor armado cientificamente estiver, “quanto melhor utilizar o capital de conceitos, métodos, técnicas, acumulados por seus predecessores, Marx, Durkheim, Weber e muitos outros, e quanto mais ‘crítico’ ele for, quanto mais **subversiva** for a intenção consciente ou inconsciente que o anima, quanto maior interesse ele tiver em revelar o que está censurado, reprimido, no mundo social” (BOURDIEU, 1983, p. 19, grifo do autor).

acorem todos os que tentam se esquecer do mundo, “universos depurados de tudo que cria problemas” (BOURDIEU, 1983, p. 18).

### **O vivido como lastro da produção intelectual**

Bourdieu afirma que seu pai o ensinava até mesmo em silêncio, uma vez que conseguia imprimir indelevelmente no caráter do filho único uma vida engajada que não se retraiu diante dos desfavorecidos. A confiança dos que se achavam à margem dos processos sócio-políticos decisórios encontrou sempre no pai de Bourdieu um depósito idôneo e responsável. Toda essa *primeira escola* produziu matéria-prima para a relação *sujeito-objeto* do futuro pesquisador. O silêncio prático-pedagógico do pai moldava nele a certeza de que o discurso não bastava. Mesmo a reflexividade, se não se aliasse à prática, pouco efeito produziria. A confiança da qual o pai de Bourdieu era depositário responsabilizava o futuro sociólogo, imbuindo-o de um encargo para com os seus objetos de estudo. Ele passava a entender que sua pesquisa teria uma característica científico-responsável, para além de um pragmatismo de resultados. Por isso, em relação ao pai, chegou a dizer:

Ficava mesmo feliz, acredito, sempre que podia ajudar os mais desfavorecidos, com quem se sentia à vontade e os quais depositavam nele confiança total; esbaldava-se em distribuir fornadas de gentileza e de paciência, e por vezes, já mais idoso, eu o censurava um pouco, por ajudar os mais pobres a se desvencilhar das papeladas que lhe entregavam [...] Ele me ensinava sem conversa, pela sua atitude por inteiro, a respeitar os “pequenos”, entre os quais se enxergava, e também seus combates (BOURDIEU, 2005, p. 110-111).

A ambiguidade com que se deparou no internato também moldou a relação do pesquisador com seus futuros objetos de estudo. Bourdieu insurgia-se contra a “experiência protegida da existência burguesa” (BOURDIEU, 2005, p. 115). Sua postura, ainda que em potencial naqueles dias, inclinava-se para o combate social. Não compreendia como à face diurna, ostentatória, profundamente apelativa da escola, podia-se contrapor um ambiente de hostilizações, preconceitos, prevalências de classes, sobretudo evidenciado no desprezo dos externos pela cultura do internato e pelas crianças procedentes das pequenas comunas rurais:

A experiência do internato desempenhou um papel determinante na formação de minhas disposições; principalmente pelo fato de me inclinar a uma visão realista (flaubertiana) e combativa das relações sociais, a qual, já presente desde a educação de minha infância, contrasta com a visão irênica, moralizante e neutralizada que acaba sendo encorajada, parece-me, pela experiência protegida da existência burguesa (BOURDIEU, 2005, p. 115).

Isso tudo o ajudou a pensar e a desenvolver o conceito, hoje largamente empregado pelos sociólogos, de *violência simbólica*. Maria Drosila Vasconcelos afirma que “o acúmulo de bens simbólicos e outros estão inscritos nas estruturas do pensamento (mas também no corpo) e são constitutivos do *habitus* através do qual os indivíduos elaboram suas trajetórias e asseguram a reprodução social” (VASCONCELOS, 2002, p. 81). A violência simbólica se traduz na maneira como a classe dominada passa a enxergar o mundo com os olhos da classe dominante. A transmissão pela escola da cultura escolar, realizada pela elite dominante, revela uma violência simbólica sobre os alunos das classes populares e com a adesão deles. Para Bourdieu, os indivíduos destituídos de *capital cultural* (diplomas, nível de conhecimento geral, boas maneiras) encontram profundas barreiras em relação à possibilidade do sucesso escolar. Em contrapartida, os estudantes burgueses, em contato com a cultura erudita, que os entornos familiares proporcionam, estão amplamente predispostos ao sucesso e às implicações deste.

É o legado afetivo e cultural de sua modesta família do meio rural provinciano francês que prepara o terreno para as singularidades de sua pesquisa. Bourdieu trava uma luta constante para fugir à lógica do mercado, para ele, ostensivamente presente na ciência, e, sobretudo, evidenciada na concorrência interna entre os pesquisadores. Ele não consegue sofrer o conformismo profundo que se abate sobre o meio intelectual sem sentir declarada ojeriza.

Os pontos altos de *Esboço de autoanálise* “frisam o vivido como lastro incontornável dos achados felizes da argumentação intelectual” (MICELI, 2005, p. 9). *Vivido* esse, relacionado à figura paterna e ao acentuado desencanto que teve início com a entrada para o internato, o que, ao invés de produzir-lhe um desestímulo e uma desistência, inoculou-lhe um desafio de viver e ter sempre a experiência que o acompanhou na carreira escolar como paradigma das coisas as quais deveria se distanciar<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> Formação tão singular forjou nele o entendimento de que a humildade excessiva é quase tão nefasta quanto a arrogância. Para Bourdieu, “a postura equilibrada implica [...] uma combinação, muito improvável, de alguma ambição, que leve a ver em grande, e de uma grande modéstia, indispensável para se penetrar no pormenor do objeto” (BOURDIEU, 2001, p. 50).

Mesmo quando acaba sendo reconhecido pelo meio acadêmico, Bourdieu tem dificuldades para vestir a armadura inusitada que a posição meritória a que fez jus o obriga. Como diz Miceli:

Seu desconcerto naquele episódio expressa a que ponto se sentia dilacerado diante da instituição escolar, varado por uma briga interna sem trégua, entre o rompimento e a redenção, tomado pela incerteza em torno do próprio reconhecimento e crivado por uma dúvida excruciante sobre o desenraizamento (MICELI, 2005, p. 18).

### **Paixão investigativa e sociologização da vida**

Marca distintiva em Bourdieu é sua tentativa de “disciplinar as intermitências do afeto pelo jeito provocativo de apreender o mundo social” (MICELI, 2005, p. 7), o que nem sempre conseguiu com absoluto êxito. As pesquisas que encetou, inúmeras delas de cunho pessoal, não apenas se sucediam em grande número, mas também com uma diversidade considerável: variados foram os objetos que mereceram a atenção deste sociólogo passional. Bourdieu não media esforços para se aproximar das pessoas, objetos de sua análise, com quem precisava entabular conversação:

Tive grandes períodos de paixão investigativa, quando realizava as pesquisas que desaguarão em *La distinction* [...], ou, então, quando passava horas a escutar conversas, nos cafés, nas pistas de boliche ou nos campos de futebol, nas agências do correio, mas também nas noitadas, coquetéis ou concertos. Com certa frequência, sem conseguir me segurar, recorria a um pretexto para engatar a conversa (isso é muito mais fácil do que se pensa) com uma pessoa que eu queria conhecer melhor ou para investigar, sem dar na vista, algum problema que me interessava. Até me perguntava se gostava mesmo das pessoas, como cheguei a acreditar um tempão, ou se não acabara lhes dirigindo apenas um interesse profissional, que também pode implicar uma forma de afeição (BOURDIEU, 2005, p. 94).

Notemos como algumas expressões usadas por Bourdieu demonstram a intensidade com que se lançava ao campo: “Com certa frequência, sem conseguir me segurar...”. O envolvimento e a relação de interdependência que se criavam não raro faziam-no considerar se a afeição que dispensava aos seus objetos de estudo restringia-se unicamente à esfera profissional. Contudo, pode-se observar em toda sua obra “uma racionalização bem urdida, por vezes cáustica, como se houvesse, na moita, o intento de sociologizar a própria vida” (MICELI, 2005, p. 9)<sup>11</sup>. Sim, a obra se confunde com a

---

<sup>11</sup> Numa de suas obras, Bourdieu explicita que um dos conceitos que desejaria inculcar é o de pesquisa como atividade racional, e não como uma espécie de busca mística. Sua preocupação de que o sociólogo não se tornasse objeto dos problemas que se tomam para objeto, levava-o a considerar que se deveria sempre “fazer a história social da *emergência* desses problemas, da sua constituição progressiva [...]” (BOURDIEU, 2001, p. 37, grifo do autor).

vida e ganha desta indisfarçável originalidade. A emoção raciocinada guia o testemunho desse intelectual destoante. Está presente em Bourdieu - e nisto reside a sua força - a ambivalência de um sujeito que empresta paixão à metodologia raciocinada, diluindo, assim, a sua aridez característica.

Mas Bourdieu nunca posou de inocente: sempre soube que a particularidade do sociólogo é ter como objetos campos de lutas, não apenas de classes, mas também na comunidade científica. O capital, tanto econômico quanto cultural do pesquisador, define seu espaço neste campo e também aquilo que vê e o que não vê. Daí, advogar de forma unilateral a necessidade de uma sociologia da sociologia e, por que não dizer, de uma sociologia da ciência em geral, para que se evite, entre outras coisas, o sectarismo das teorias opostas, que beira a profissão de fé. Fazer com que elas se comuniquem não quer dizer que as estaremos aproximando de maneira a estabelecer uma síntese eclética. Pode-se continuar marxista, por exemplo, sem interromper o diálogo com outros autores. Por isso, nos diz Bourdieu:

Parece-me, de fato, que uma das principais causas de erro em sociologia reside numa relação incontrolada com o objeto. Ou mais exatamente, na ignorância de tudo aquilo que a visão do objeto deve ao ponto de vista, isto é, à posição ocupada no espaço social e no campo científico (BOURDIEU, 1983, p. 18).

Sobre a questão da neutralidade em ciências sociais, não se furtou ao reconhecimento de que a produção de alguma verdade se dá não apesar do interesse do pesquisador, mas exatamente em virtude desse interesse (que pode se apresentar como o mais nobre e também como o mais sórdido possível), do que deduziu que não há *imaculada concepção*: poucas verdades científicas existiriam se tivessem que ser deixadas de lado as intenções ou procedimentos cuja pureza fosse suspeita. Mais uma vez, evoca-se a necessidade de que o pesquisador não seja ingênuo e se instrumentalize de um conhecimento científico que o faça perceber os limites implicados na tarefa de conhecer.

Sua entrega à pesquisa e à interação ardente com o objeto ganhava credibilidade à medida que o sociólogo vivia totalmente desprendido de qualquer aspiração ao sucesso social que o produto das suas investigações pudesse lhe conferir. É ele mesmo quem nos diz:

Tive a sorte de poder viver muito tempo com uma bairra indiferença pelo sucesso social. E recordo-me de ter pensado muitas vezes que, na medida em que me esforçava por juntar competências e intenções raramente associadas, teóricas e técnicas em especial, era provável e normal que eu permanecesse um tempão incompreendido e desconhecido; preparara-me para tal desfecho,

a ponto de ver com certo espanto o reconhecimento relativo que meus trabalhos obtinham, em parte, claro, com base em mal-entendidos. (BOURDIEU, 2005, p. 96-97).

### **O mergulho no social para exorcização dos irrealismos filosóficos da adolescência**

O interesse compulsório de Bourdieu pelas pessoas esconde um vazio enorme dentro do cientista. Trocar os pedestais da filosofia pela cruenta realidade das favelas oferece a ele uma exorcização, ainda que tardia, dos fantasmas da adolescência. Toda a artificialidade das aspirações dos anos de internato encontra, no contato efetivo com o social, uma possibilidade de redenção. O contato com a realidade argelina, justamente no momento em que se dá uma reviravolta no sistema tradicional da agricultura com as implementações dos processos capitalistas do mundo moderno e, conseqüentemente, a crise deflagrada no meio do campesinato faz do até então filósofo um verdadeiro sociólogo e etnólogo. Bourdieu entende que suas condutas eram sobredeterminadas pela desolação íntima do luto solitário, tanto é assim que nos diz:

[...] o trabalho desatinado era ainda a maneira de preencher um vazio imenso e de livrar-se do desespero ao demonstrar interesse pelos outros; o abandono dos píncaros da filosofia pela miséria da favela era, pois, uma espécie de expiação sacrificial de meus irrealismos adolescentes; a retomada trabalhosa de uma língua despojada dos tiques e truques da retórica escolar marcava assim a purificação de um renascimento (BOURDIEU, 2005, p. 98).

Esse fragmento, bastante coadunado com a autoanálise que o autor intenta levar a cabo, busca, de acordo com o próprio Bourdieu, um desvelamento enunciado “do modo mais honesto possível” (BOURDIEU, 2005, p. 38). Ele não se furta em apresentar-se “como se fosse qualquer outro objeto” (BOURDIEU, 2005, p. 38). Muito tempo depois, fazendo uma releitura, como um analista, sua trajetória parece organizada e racional, embora essa racionalidade fosse sendo construída ao longo da história e posteriormente compreendida: “Ora, eu sei, e não farei nada para escondê-lo, que na realidade fui descobrindo aos poucos os princípios que guiavam minha prática, mesmo no terreno da pesquisa” (BOURDIEU, 2005, p. 38).

A dor que Bourdieu carrega mascarada dentro de si é capaz de ligá-lo de maneira irreversível aos desfavorecidos que cruzam o seu caminho: sejam os camponeses de Cabília<sup>12</sup>, sejam os camponeses do Béarn<sup>13</sup>, dentre inúmeros outros. Nas palavras de Miceli:

---

<sup>12</sup> Região que engloba várias províncias da Argélia.

<sup>13</sup> Região francesa onde Bourdieu viveu sua infância numa comunidade rural.

Como ele mesmo diz sem rebuscos, a pesquisa empreendida no Béarn era uma viagem exploratória do que fora recalcado, um inquérito de risco sobre o pesquisador, movido pelo desejo de revisitar a cena familiar original, antes de se desapegar dos seus e enfrentar os imponderáveis de um trajeto escolar acidentado (MICELI, 2005, p.10).

A experiência do Béarn não somente o guia para um acerto de contas com um passado mal resolvido, mas, ato contínuo, proporciona-lhe uma “conversão do olhar” (BOURDIEU, 2005, p. 89), uma verdadeira reorientação intelectual, “uma prática científica que requeria uma visão do mundo social mais distanciada e mais realista em seu conjunto” (BOURDIEU, 2005, p. 87-88). Consumava-se, assim, a passagem da filosofia para a etnologia e a sociologia e, “no interior desta última, para a sociologia rural, situada no degrau mais baixo da hierarquia social das especialidades” (BOURDIEU, 2005, p. 88).

### **Referências**

- BOURDIEU, P. Uma ciência que perturba. In: *Questões de Sociologia*. Trad. Jeni Vaitsman. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 16-29.
- BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. (1992). *An invitation to reflexive sociology*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.
- BOURDIEU, P. Introdução a uma sociologia reflexiva (cap. II). In: *O poder simbólico*. 4. ed. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 17-58.
- BOURDIEU, P. *Esboço de autoanálise*. Tradução e introdução de Sérgio Miceli. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- BOURDIEU, P. O camponês e seu corpo. Tradução de Luciano Codato. *Revista Sociol.Polit.*, Curitiba, 26, p. 83-92, jun. 2006.
- GARCIA, M. M. A. O campo das produções simbólicas e o campo científico em Bourdieu. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 97, p. 64-72, mai.1996.
- MICELI, S. A emoção raciocinada (Introd.). In: Pierre Bourdieu. *Esboço de autoanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- VASCONCELOS, M. D. Pierre Bourdieu: A herança sociológica. *Educação e Sociedade*. [online]. 2002, v.23, n.78, p. 77-87.

Submetido em 24/10/2013